

Sociedade das Ciências Antigas



Mutus Liber
O Livro Mudo
da Alquimia





Sociedade das Ciências Antigas

MUTUS LIBER

O LIVRO MUDO DA ALQUIMIA



EDIÇÃO ORIGINAL DE LA ROCHELLE 1677

**COMENTÁRIOS DE EUGÈNE CANSELIET F. C. H.
ALUNO DE FULCANELLI**

INTRODUÇÃO

MUTUS LIBER... O livro mudo! Tal é o título surpreendente e breve do tratado de alquimia que se compõe só de imagens, e que apresentamos como curiosidade, se não como um interesse, de todos os iniciados. Eis aqui a explicação que segue imediatamente a estas duas primeiras palavras sobre a prancha inicial, que traduzimos aqui e a qual se mostra bastante promissora dos frutos a recolher:

... no qual, porém, toda a Filosofia hermética inteira é representada em figuras hieroglíficas, que é consagrado a Deus misericordioso, três vezes muito bom e muito grande, e só dedicou os filhos da arte, para o autor cujo nome é Altus.

Não nos foge o duplo sentido cabalístico, isto é, o jogo que o latim permite, entre o dativo plural de *solus* e o genitivo singular de *sol* semelhantemente ortografados, e que faz com que possamos entender, tanto *dedicado aos filhos da arte e do sol* como *e só dedicado aos filhos da arte*: *solisque filiis artis dedicatus*.

Não encontramos no trabalho mais do que as poucas palavras das duas páginas, penúltima e última; isto, a décima quinta, que leva o número 14 e, por outro lado, a oração em palavras latinas que repetem com insistência e cujo conselho imperativo parece cômico o bastante, em um livro onde a leitura ordinária não tem ocasião de se exercer:

ORA LEGE LEGE LEGE RELEGE LABORA ET INVENIES

Ora, lê, lê, lê, relê, trabalha e encontrarás

Conselho caridoso, encorajador e preciso que, perseguido com humildade e paciência, dá a chave que se abre o jardim dos filósofos e a escada de acesso ao mundo desconhecido do subconsciente universal. A alquimia dispensa, precisamente, este estado de consciência ou graça real, que se harmoniza, no sábio, com a fecunda dualidade Amor e Conhecimento, geratriz do desejo permanente de melhora.

Advertimos, agora, sobre a última página deste Livro Mudo, a declaração exortadora que se oferece, duas vezes inscrita em bandeirolas, como forma de conclusão; fórmula de despedida que estaria preenchida de uma ironia muito amarga e se revelaria um humor severo, até mesmo, se não afirmasse absolutamente o poder didático, ao mesmo tempo rico e generoso, de um livro que oferece, mais que qualquer outro, a aparência rude da impenetrabilidade:

OCCULATUS ABIS!

Caminhai com vigilância.

Do latim para o francês, é evidente o anagrama de *Jacobus Sulat* que é o titular do privilégio concedido por de Luis XIV, para a primeira edição "em S. Gemain, o vigésimo terceiro de novembro, o ano da graça de mil seiscentos sessenta seis".

AO LEITOR

Embora quem tenha arcado com as despesas da primeira impressão do presente Livro, por razões pessoais, não o quis encabeçar com dedicatória nem prefácio algum, acredito, não obstante, que não seria de todo inadequado poder dizer quão admirável esta obra pode chegar a ser: porque apesar de levar consigo o título de Livro Mudo, todas as nações do mundo, tanto os hebreus, gregos, latinos,

franceses, italianos, espanhóis, como os alemães, etc, eles poderão lê-lo e compreendê-lo. Também é o livro mais belo dos tantos que, até agora e sobre este tema, tenham sido impressos, a respeito daquilo que costumam manifestar os sábios, de que há nele certas coisas que nunca foram ditas a ninguém. Só é necessário ser um verdadeiro Filho da Arte para saber isto de antemão. Eis aqui tudo o que acreditei ser meu dever dizer.

PRANCHA I



Esta primeira prancha é também a página de título, da qual o tema principal é o personagem profundamente adormecido, que renova, em este último quarto do século de XVII, o sonho, profético do patriarca Jacob, nos tempos do Gênesis. Beatífico, nosso herói sorri em sua visão interior, semelhante ao filho de Isaac, a cabeça apoiada sobre a pedra da que lhe serve de almofada, e da qual o dativo latino *Rupellae* (em La Rochelle), situado exatamente abaixo do nó que retém os dois fortes ramos da roseira, lembra adequadamente que não se trata aqui de nenhuma pedra ordinária.

É necessário, oh! convir com isto que, no estado de vigília, apesar de toda a aparência, o homem dorme tão profundamente, que as estridências de todas as trombetas dos anjos do céu não seriam suficientes para lhe despertar a visão exata das coisas da terra. Por outro ponto de vista, no domínio operativo, não é menos certo que o assunto da Arte, nosso mineral eleito, também está imerso na letargia muito próxima à morte, e deve sofrer um violento choque de ondas, do qual nos dão perfeitamente a expressão simbólica o grito, o brado, o som agudo dos instrumentos de metal.

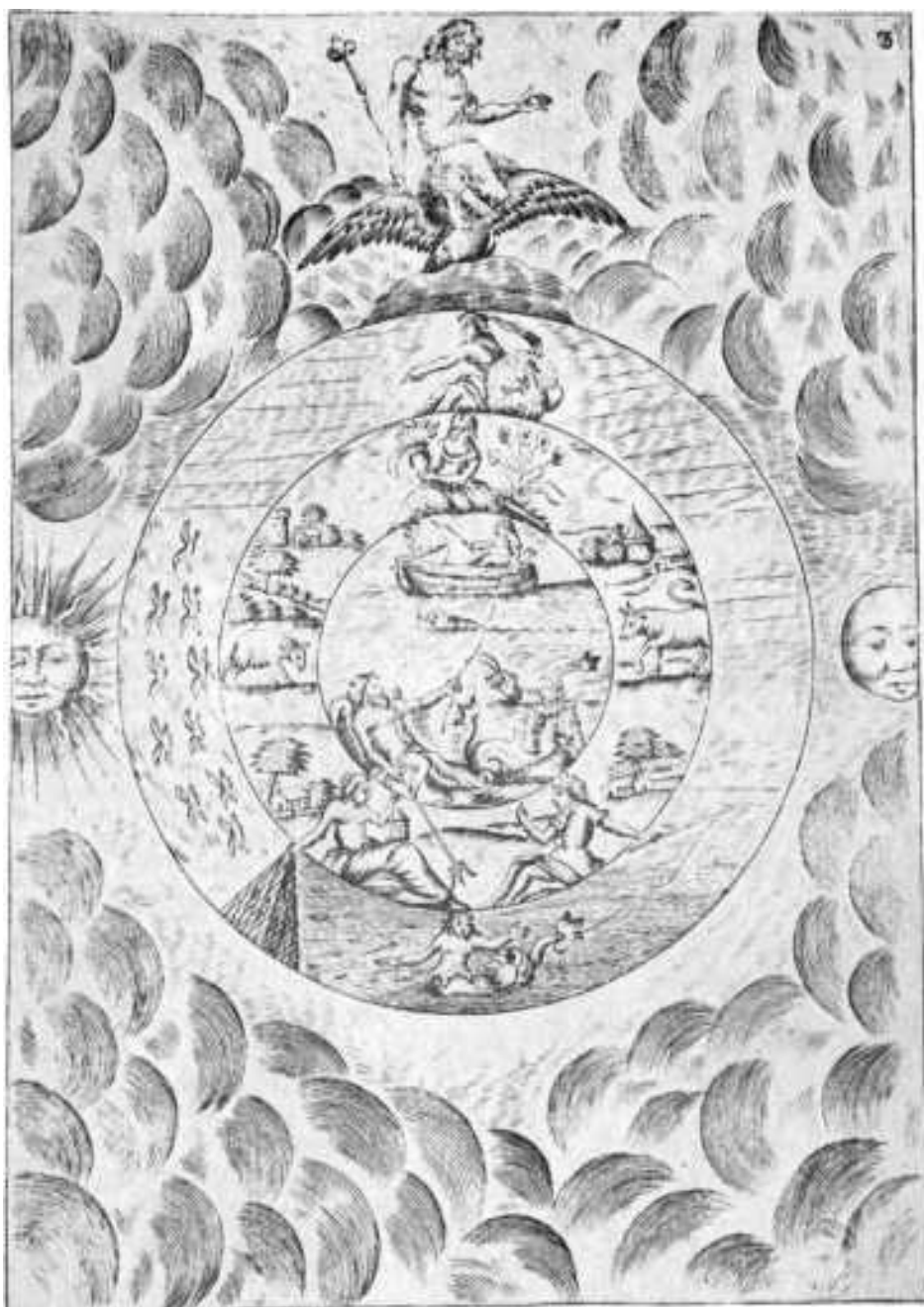
PRANCHA II



É evidente que Pierre Dujols tem razão quando nos adverte que esta imagem não se encontra em seu devido lugar. Várias, dentre as seguintes, deveriam precedê-la, até a oitava, com a qual está diretamente relacionada, e à qual precede, então, em sua alegoria da fase intermediária, onde Netuno protege o sol e a lua em sua infância, com a intenção de aproximá-los para a união geratriz do Mercúrio filosófico. É a inelutável lei natural, de que a geração se realiza completamente no seio das águas, em um lugar totalmente fechado e escuro.

Em obstetrícia, não se diz simplesmente "as águas" para designar os líquidos nos quais o feto humano está imerso? Michael Maier não hesita em nos mostrar, sobre seu emblema XXXIV, a copulação do sol e da lua dos sábios na água pura de uma caverna, agregando, com relação ao bebê filosófico, que é *concebido nos banhos*: in balneis concipitur.

PRANCHA III



A terceira gravura nos provê com os detalhes e o complemento do que há pouco vimos. Nesta oportunidade é circular e apresenta seus campos concêntricos sobre a imensidão borbulhante das ondas, uniformemente convertida por Manget em nuvens, entre o sol e a lua, sob a poderosa égide de Júpiter, instalado sobre sua Águia cuja cabeça peculiar parece ser a mesma da *Fênix*. O soberano dos deuses se assenta no mais alto, no seio do Empíreo, que o médico de Genebra identificou com as sombras Cimérias, no nível dos dois astros que iluminam a terra, cada um seu orbe.

Sobre os dois grandes luminares do céu, sobre suas virtudes inestimáveis, concorrentes à existência sã na terra, Alexander Sethon, denominado Cosmopolita, vitupera a debilidade inconcebível dos homens que, em sua maior parte, passam da desatenção adquirida pelo hábito, para o esquecimento lentamente instalado na sujeição:

Nesta santa e mui verdadeira ciência, encontra-se nas trevas noturnas aquele para o qual não luz o sol; vive na espessa obscuridade aquele para o qual, à noite, a lua não aparece.

PRANCHA IV



A quarta prancha desvela, positivamente, um dos maiores arcanos da obra física.

A influência cósmica, em um imenso leque de franjas retilíneas, alternando-se, rajadas e entremeadas, e cai, desde o centro do céu, de um ponto que fica situado entre o sol e a lua.

Não há autor que tenha indicado tão sinceramente o agente principal do movimento e das transformações, tanto na superfície como no centro da terra. É, em realidade, a intervenção deste agente cósmico que diferencia a alquimia da química, orgulhosamente empírica e paralela. O segredo é mostrado até o ponto importante que Magophon fez um esforço muito grande sem dúvida contra si mesmo para dissimulá-lo quando terminou de escrever estas poucas linhas, porém muito significativas:

Sem o concurso do céu, o trabalho do homem é inútil. Não se enxertam árvores nem se semeia o grão em todas as estações. Cada coisa a seu tempo. A Obra filosofal é chamada de Agricultura Celeste, e não sem razão; um dos maiores autores firmou seus escritos com o nome Agrícola, e outros dois excelentes adeptos são conhecidos sob os nomes de Grande Camponês e o Pequeno Camponês.

PRANCHA V

A quinta prancha nos faz adentrar no laboratório, onde nós reconhecemos os nossos dois coletores de orvalho que vertem, agora, a sua provisão do grande prato da cena precedente na cucúrbita. Este rápido encadeamento do trabalho proclama que é preciso empregar, em todo seu frescor, o líquido que, quanto a nós, filtramos imediatamente com minúcia.

Estamos aqui em presença da tão secreta destilação que vemos expressa sem rodeios, pelas diversas manipulações do infatigável trabalho. Elas nos mostrarão quanto com razão, que o destilatório (alambique) foi ainda designado sob o nome de rosário.

A destilação foi detida, então, no momento preciso em que a delicadíssima fração correria o risco por sua vez, de partir para o frasco da recepção. Esta parte é retirada pela esposa da cucúrbita com uma colher, para encerrá-la em um recipiente com gargalo, que mostra então, por sua transparência, quatro partículas de coagulação. Logo passa o frasco para um homem de constituição atlética, despido, erguido e em desequilíbrio, o pé direito apoiado sobre uma pequena elevação. Esta era, para Altus, um modo muito sábio de retratar Vulcano, o qual ninguém ignora que era coxo. Infeliz esposo de Vênus, não é dela, das suas próprias mãos, de quem recebe a garrafa, enquanto aperta contra si um jovem menino inanimado?

Seria um erro acreditar que este homem musculoso atenta, de qualquer forma que seja, contra a vida do menino, dado que concorrerá, muito pelo contrário, para ser devolvida mais tarde. O massacre dos inocentes não se situa neste começo da Grande Obra; o simbolismo poderá parecer cruel em

nosso tempo, onde a verdadeira sensibilidade tem dado o lugar ao mais bobo sentimentalismo, enquanto que, por outro lado, nunca se negociou tão barato com a existência humana.

PRANCHA VI



"A prancha seis é a continuação da quinta", nos afirma Magophon, que, nisso, tem tanta razão quando faz a observação de que "as operações sempre são efetuadas por um homem e por uma mulher, simbolizando as duas naturezas".

Esta é também a nossa opinião, que se encontra confirmada pela particularidade, bastante surpreendente, que o casal, aplicado às manipulações, muda de vestimentas em cada uma delas e parece, também, não ser sempre composto dos mesmos indivíduos. Certamente, se é bem o alquimista e sua fiel companheira, um e a outra, nas suas transformações, sublinham as que sofrem no curso da longa Obra ambos protagonistas minerais.

Ante ao forno complicado, que acharemos novamente em seguida, as tampas desses dois pares de vasos de fundo circular, continuam chamando a nossa atenção. Já era a sua forma de cucúrbitas pequenas sem bico, e é agora esta espécie de levitação, na intenção de suscitar toda reflexão

fecunda no interessado. Assim coberto, o recipiente cilíndrico assegura a circulação lenta e fechada da verdadeira coação, da qual Sulat nos assinala a grande importância.

PRANCHA VII



A operação que vemos no alto e à esquerda reúne o produto das duas destilações realizadas, com o resultado da confortação imediatamente precedente; esta foi aplicada ao extrato nebuloso já concentrado e animado pelo fogo da lua. A operadora recolocou o vaso, sem dúvida resfriado, sobre o grande prato, que vimos e sem dúvida veremos novamente mais adiante, ao mesmo tempo em que o seu companheiro verte o segundo destilado conservado no grosso frasco de bojo redondo.

Eis aqui o lugar onde diremos algumas palavras acerca da destilação, que os autores têm apresentado como uma das fases mais importantes da Grande Obra. Porém, estas descrições são muito freqüentemente confusas e não parecem se aplicar ao fenômeno físico conhecido por essa palavra. Há, pois, certamente um sentido particular que a Cabala deve nos permitir reconhecer.

O termo francês *distiller* (destilar) vem do grego e está formado pelo advérbio diz, dis, *duas vezes* e pelo substantivo *stílh, stilé, por pouco que seja, uma quantidade muito pequena*.

Já a forma em que os gregos escreviam a palavra *çile*, com o episemon, mostraram um valor especial e forçaram a considerá-la atentamente. Realmente, *èpishmon, episemon*, significava *marca distintiva, sinal, o que está assinalado*.

O sentido oculto de destilar, de destilação, traduz a operação secreta que consiste em fazer cair muito pouca água na terra em dois intervalos consecutivos. Trata-se, em suma, de embeber, de

praticar estes embebimentos ou destilações das que falam os tratados, e isso faz com que a terra, até então estéril, seja saturada, impregnada, amaciada, adubada, sustenta seu gérmen e torna-se fértil.

PRANCHA VIII



Esta oitava prancha é completada, ou melhor, detalhada pela terceira, da qual deveria segui-la imediatamente. Ela reúne as partes principais da alegoria perfeita do Mercúrio que dois anjos apresentam de um modo glorioso. O tema da Obra é deste modo, personificada pelo deus mitológico que cobre com um pétaso alado e singular, e que se encontra erguido, tendo a seus pés dois astros herméticos. Encerrado no ovo filosofal, e sob os raios do astro cósmico, é levado sobrenaturalmente no seio do elemento exterior, que lhe é especialmente familiar. De fato, *o vento o levou em seu ventre*, - portavit eum ventus in ventre suo -, de acordo com o aforismo freqüentemente retomado pelos autores que expressam, desta forma, o caráter volátil do meio no qual o Mercúrio filosófico é concebido e desenvolvido.

À esquerda e à direita da composição, distribuídos em dois grupos, dez pássaros em vôo convergem sobre o ovo vítreo, dos quais os dois primeiros carregam em seus bicos, na extremidade de um ramo vegetal: um, o sinal do tártaro, o outro o do amoníaco.

Deste modo encontramos novamente o segundo sal cujo espessamento elevou a esta quádrupla potência, assinalada por dois pares de asteriscos e confirmada, por outro lado, pela lua, em sua

ligação com Saturno aguçado com ferro, da mesma maneira que podemos rever na figura que precede.

PRANCHA IX



O leitor sério e atento não se surpreenderá se lhe dissermos que esta nona prancha não está mais em seu lugar do que a quarta, que haveria de precedê-la imediatamente. É fácil entender que esta segunda parte da preparação prévia para a Obra fica situada próxima àquela que assistimos sobre a estampa que porta a cifra número quatro. O precioso líquido agora é submetido à ação do fluido universal, em grandes pratos circulares onde parece cobrir um lodo grosso e preto.

Estas duas frações da fase preliminar da Grande Obra devem ser efetuadas sempre na estação que designam os dois animais de suas imagens, apesar da declaração de Magophon - a propósito da quarta prancha - pronunciada com o tom, um pouco falaz, de uma franqueza benévola.

Que o Carneiro e o Touro correspondem aos dois princípios, Mercúrio e Enxofre, é um fato inegável, o que nos conduz aos dois atores da via seca. Na realidade, estes serão sujeitos mais tarde

à ação do agente cósmico que trata, de antemão, de acumular e de reter, e sem a qual a obra do sábio não seria mais que uma sucessão banal de operações relevantes só para a química.

PRANCHA X



Um significado importante e concernindo é dado ao vaso da natureza; reaparecem os dois signos nas pranchas VI e VII e que, vertidos de seus respectivos frascos, ocupam agora os dois pratos de uma balança. Este utensílio foi depositado sobre a mesa, da mesma maneira que acontecerá, novamente, na décima terceira imagem. Como nos mostra o seu ástil e a agulha em ângulo oblíquo de trinta ou quarenta cinco graus à frente do gancho de suspensão, não estaria aí a indicação sutil de proporções que iria do simples ao duplo? Em todo caso, a posição que apresentam, de novo e singularmente, estando a balança à espera da pesagem, os pratos são nivelados, na prancha XIV. Há lugar para estarem perplexos, de tal sorte que também se estaria fortemente inclinado para deduzir que os dois ingredientes seriam de pesos semelhantes, ou que a balança ordinária não seria de nenhuma ajuda.

À esquerda, pois, o asterisco do amoníaco e, à direita, a corola do ouro filosófico; evocando esta o enxofre e aquela o sal. Com uma habilidade muito grande a mulher os verte juntos, no mesmo frasco imediatamente marcado com os dois hieroglíficos. O operador que dispõe amplamente do mercúrio, enriquecido sobre a prancha precedente e conservado em um frasco bojudo, o operador,

dizíamos, acrescenta este primeiro princípio aos outros dois já misturados, e se aplica, com sua companheira, a estabelecer da melhor forma possível as proporções e os pesos da natureza.

PRANCHA XI



Primeiramente, esta composição parece muito semelhante à oitava.

Apesar disto Mercúrio ou Hermes, em seu ovo transparente, ergue-se sobre a terra de seu nascimento, que é agora luminosa, como a diáfana substância que constitui, de acordo com Savinien de Cyrano de Bergerac, a superfície ordinariamente inconcebível do sol. É um verdadeiro prazer ler o que o filósofo nos diz com respeito a esta terra sublimada que é o do matraz de Jacob Sulat e *das planícies grandes do dia*, a que também *é semelhante aos flocos de neve ardente*.

O deus Mercúrio, em vez do pétaso habitual, nesta oportunidade também, porta uma espécie de boina. Este ornamento, perfurado por dois olhos abertos e flanqueado por asas desdobradas, toma assim o aspecto de uma coruja em vôo.

Eis aqui curiosamente manifestado o conhecimento que simboliza o pássaro noturno, consagrado a Minerva e elevado sobre um vaso no anverso das moedas de Atenas. Ilimitado saber dado pelo Mercúrio dos filósofos que não têm a menor relação com o mercúrio metal ou o mercúrio do

comércio. Aquele dos sábios, no grau de exaltação que atingiu aqui, torna-se um verdadeiro e profundíssimo espelho, fonte de reflexão do presente eterno e imutável.

PRANCHA XII



Semelhante à prancha precedente, que parecia renovar a oitava, a que se apresenta agora, ante nossos olhos, também se assemelha à nona, quase à identidade.

Se o carneiro e o touro, que são vistos nas duas imagens representam, sem dúvida alguma, os dois personagens principais da Grande Obra, quer dizer o mercúrio e o enxofre também simbolizam, e não menos certamente, os dois meses mais ricos da estação primaveril. O movimento das ondas tornou-se considerável, o qual é transmitido ao doce licor e intimamente agitado, ilustrando um modo positivo o primeiro parágrafo da *Tábua de Esmeralda*:

É verdade, sem engano, certo e muito verdadeiro: O que está embaixo é como o que está encima e o que está encima é como o que está embaixo, para realizar os milagres da Unidade.

As ondas são as águas que Deus separou, ou melhor, sublimou, no começo do Livro do Gênesis e que os antigos alquimistas, em sua criação microcósmica, chamaram de as águas celestes. Porque seria necessário não tomar por nuvens, carregadas de chuva e impelidas pelo vento, a espessa fervura que, sobre a presente estampa, a lua regulariza ainda mais que o sol. A exemplo do Mestre lembramo-nos freqüentemente da condição, *sine qua non* e exterior, que o senhor des Marez teve, ele mesmo, a intenção de que fosse compreendido e respeitado.

O casal de alquimistas, tendo enchido seu frasco volumoso com o líquido, mais rico ainda após esta segunda exposição, novamente entrega-o ao deus Mercúrio que Magophon, sobre a nona prancha, já viu comparando o mesmo "cozido desta água divina de uma camponesa". O mercúrio filosófico, tal como dizem todos os autores e comprova a experiência, procura avidamente o espírito universal do

qual nosso licor está carregado até a saturação, até permitir facilmente sua incrível, e completamente natural, cristalização.

PRANCHA XIII



Notar-se-á sem dúvida, ao examinar esta imagem que é dividida entre a prática e o simbólico, que se parece com a décima; em suma, que se sucedem seis pranchas que, à primeira vista, parecem idênticas. Isto não é exato como já se viu, e desta vez também, revelam-se ao exame variantes muito significativas.

O homem que verte simultaneamente sobre cada um dos pratos da balança não tem mais do que dois asteriscos no frasco da sua mão direita, enquanto que do frasco que sustenta com mão esquerda cai um sol minúsculo, no lugar e posto do *flosculus* previamente dado.

Os dois pequenos signos radiados que ficam no recipiente, constituem juntos o famoso RE, que são os dois terços do RER, e a metade do RERE inicial.

Embora o recipiente tenha também recebido sua sobre-abundante quantidade do influxo da segunda exposição, ainda está inclinado quase até a horizontal, para ser fechado, não deverá escapar ao observador a dupla singularidade: primeiro, que o símbolo do amoníaco desapareceu, e logo, que a superfície do banho mercurial não tenha mudado, quando deveria ser plana e perpendicular à vertical. Não existem aqui duas indicações particulares, concorrentes a estabelecer que o matraz

ordinário dos laboratórios não é mais do que o símbolo do ovo em cuja composição o misterioso *sal do amoníaco* se encontra absorvido?

PRANCHA XIV



Os três fornos que ocupam o retângulo superior desta penúltima prancha correspondem separadamente a cada um dos três personagens situados diretamente abaixo, a fim de evocar juntas as três partes principais e claramente diferentes da última cocção. Estas duas mulheres, com seu fuso preso na cintura, e este menino que deixou a sua raquete e a bola, com a atenção e o cuidado que dispensam para o bom funcionamento da lâmpada de calefação, expressam como é necessário que o calor seja mantido e bem regulado, no curso desta meticulosa operação. É assim com muita destreza e simultaneamente, vemos arrancar, com as tenazes, a parte queimada do pavio e abastecer de combustível o reservatório.

Em seguida aos dois astros minerais em exaltação, uma apreensão invisível atrai duas cúpulas sobre dois discos de borda fina, que se prolongam em uma manopla com cabo. Em uma escala menor, estes tampos se mostram bastante semelhantes aos recipientes que se percebem nos fornos imediatamente superiores. Derrama-se um magro e espesso filete que cobre a placa da esquerda, mas falha na da direita e resvala para fora. Aqui, a falta que assinala a mulher é grave, dois dedos erguidos em imitação aos chifres do diabo; ali, o sucesso que o homem mostra com o indicador; levando vez ou outra a mão esquerda à boca na pantomima do silêncio.

Este disco, contando com uma empunhadura, surge como o espelho com respeito ao qual os antigos autores se mostraram tão discretos e no qual o alquimista surpreende todos os segredos da Natureza. A lua maravilhosa é constituída pelo Mercúrio dos sábios elevado ao ponto mais extremo de sua

purificação. Este mercúrio solar é visto no interior do frasco, sob o hieróglifo famoso, completado, porém com o ponto central que faz do círculo, o símbolo do ouro e do sol.

PRANCHA XV



Eis a última figura e a terceira que leva, ainda que laconicamente, o idioma habitual das letras impressas:

OCCULATUS ABIS

Caminhai com vigilância

O sonho se realizou e a escada de comunicação com as esferas reputadas inacessíveis, tendo terminado o seu ofício, é abandonada, encostada no chão. No curso de nosso exame das quatorze gravuras anteriores, foi possível conceber em que consiste a subida e depois a descida, o ascenso e o descenso operativos, entre o céu e a terra por meio da escada da Filosofia. O instrumento simbólico, coberto na gravura pelo casal em oração, não mostra mais que onze degraus, em vez dos doze que os anjos do princípio deixaram aparecer, de acordo com *tratado chamado de Escada dos Filósofos*.

Os trabalhos de Hercules, ou do alquimista, estão terminados e o herói, um pouco cansado, não obstante seu poder parece à primeira vista estar dormindo na pele do leão terrível de Neméia, tendo próximo a ele sua maça que lhe é inútil doravante.

FIM